

## **Venho dizer-vos que não tenho medo A verdade é mais forte que as algemas**

**1.** Adriano Correia de Oliveira nasceu no Porto aos 9 de Abril de 1942, mas ainda recém-nascido foi residir em Avintes, do outro lado do rio. Seria aqui que iria despertar para as tarefas culturais, tendo sido um dos fundadores da União Académica de Avintes.

Em 1959, quando chegou a Coimbra, Adriano levava consigo a guitarra eléctrica que os pais lhe tinham oferecido como prémio pela entrada na Faculdade de Direito – instrumento que abandonou quase de imediato. Outras urgências, e não só musicais, se lhe depararam: integrou-se em diversas estruturas culturais académicas e tomou contacto muito estreito com a realidade musical própria de Coimbra (onde permanecia o fado), mas logo se interessando, após a descoberta de António Menano, pelo esforço de renovação levado a cabo por Fernando Machado Soares (na esteira de Edmundo de Bettencourt e Artur Paredes) e por Luiz Goes e José Afonso (procurando evoluções em termos formais e temáticos).

Depois de uma breve passagem pelo mundo boémio dos conjuntos académicos devotados à música ligeira, e graças à sua integração numa tertúlia de gente atenta à nova realidade social e política de oposição, Adriano acabou por se integrar na corrente dos herdeiros naturais de "um novo modo de cantar", onde pontificavam instrumentistas como Rui Pato (colaborador assíduo das primeiras obras de José Afonso) e António Portugal (notável compositor e guitarrista, recentemente falecido) e as "sombras" tutelares das vozes de Luiz Goes e José Afonso.

Desta fase ficaram-nos quatro EPs: "Noite de Coimbra" (1960), "Balada do Estudante" (1961), "Fados de Coimbra 1" (1961) e "Fados de Coimbra 2" (1962) – todos mais tarde reunidos num álbum.

**2.** Quase em meados dos anos 60 – quando a guerra colonial, a repressão das liberdades fundamentais e as lutas operárias e camponesas conheciam um incremento fortemente marcante para a viragem da sociedade portuguesa –, Adriano veio dar um novo fôlego a um movimento, tão decisivo como controverso, que ficou conhecido como "movimento da balada ou trova":

*Houve todo um conjunto de factores que acabou por determinar um movimento musical normalmente chamado de baladas, sobretudo constituído por uma tentativa de experiência musical e literária de utilização da linguagem das palavras. Tentou-se fazer isso utilizando temas literariamente o melhor possível, dentro das limitações da sua forma reduzida e, sobretudo, que tivessem um conteúdo determinado. Realista, que recusasse quaisquer formas de alienação e, do ponto de vista musical, tentou-se fazer o mesmo: recusar as melodias fáceis...*

As raízes coimbrãs não mais deixaram de marcar a carreira musical de Adriano, sobretudo em termos vocais e no que se refere à utilização de elementos da música tradicional, pelo que, durante a fase da "balada" – de um modo geral situada entre 1964-69 – ele foi, sem dúvida, o garante de uma certa continuidade expressiva. O que, de facto, não sucedeu com José Afonso, o qual, porém, nunca renegou a canção de Coimbra, apesar da ruptura que com ela protagonizou. Recorde-se que foram justamente "Balada do Outono" (José Afonso) e "Trova do Vento que Passa" (Adriano Correia de Oliveira) as composições que ficaram a constituir "as pontes de passagem" da canção de Coimbra para o movimento da balada.

Foi a música e o canto de um tempo muito difícil de resistência contra a ditadura e de procura de elementos referenciais para uma música enraizada e expressiva da

autêntica cultura musical portuguesa, por oposição à canção ligeira e popularucha, normalmente designada, então (e ainda hoje), como nacional-cançonetismo.

Em termos discográficos, documentam esta fase dois álbuns genericamente intitulados "Adriano Correia de Oliveira", publicados em 1964 e 1967, nos quais aconteceu o encontro com a poesia de Reinaldo Ferreira, Manuel Alegre, Urbano Tavares Rodrigues, Borges Coelho e Fíama Hasse Pais Brandão, entre outros, e a música de José Afonso, Luís Cília, António Portugal e Rui Pato, simultaneamente com as próprias composições do Adriano e temas de origem/raiz popular e tradicional.

**3.** Cumprido o serviço militar, Adriano Correia de Oliveira fixou-se em Lisboa (1968) e um ano depois, recorrendo uma vez mais aos poemas do exilado Manuel Alegre, surgiu com "O Canto e as Armas", um álbum que anunciava os ventos da nova mudança: a transição de uma breve fase de "canto de protesto", herdeiro directo das mais vincadas qualidades crítico-interventivas da "balada", para a chamada "nova canção portuguesa" – transição de sobremaneira patenteada em "Cantaremos" (1970), basicamente construído sobre poemas de Rosália de Castro, Alegre, Gedeão e Assis Pacheco, e, do ponto de vista musical, com composições de Rui Pato, José Niza e Carlos Alberto Moniz, entre outros.

*A construção musical – disse então Adriano – não deverá ser entorpecedora e alienante, recorrendo ou estimulando apenas a sensibilidade primária das pessoas. Ainda não se chegou a nada de definitivo, mas a verdade é que novos caminhos são procurados e há muitas experiências conhecidas que vão dando os seus resultados. Pela minha parte, tento aprender o mais que posso e aperfeiçoar-me, porque reconheço que isso é essencial. Só quando os indivíduos preparados (os músicos, os compositores) agarrarem nestas experiências é que, na verdade, se atingirá essa fase de conseguir uma efectiva renovação da música portuguesa.*

Renovação que explodiu no Outono de 1971, com a publicação de um conjunto de obras que marcaram uma das grandes viragens na evolução da música portuguesa: "Cantigas do Maio" (José Afonso), "Mudam-se os Tempos Mudam-se as Vontades" (José Mário Branco), "Os Sobreviventes" (Sérgio Godinho) e "Gente de Aqui e de Agora" (Adriano Correia de Oliveira). Foi um tempo decisivo, como bem afirmou um dos seus construtores, José Niza:

*Foi esse Outono um outono musical histórico, o outono de uma viragem decisiva, de mais um virar de uma página na evolução da música popular portuguesa. Todos nós tínhamos descoberto que a fase da viola heróica ou da viola às costas havia de dar lugar a um outro tratamento da forma musical, mantendo logicamente intocável o conteúdo político e sócio-político dos textos. O Adriano tem atrás de si uma tradição importante e penso que a ponte que eu vi construir-se, durante a década de 60, atingiu a margem do outro lado, o que é o mesmo que dizer que entre uma tradição secular do fado de Coimbra e o período actual (que o trabalho de Adriano e outros documentam), se situou uma fase de transição, a balada. Esta minha concepção, também assim entendida pelo próprio Adriano, resultou em "Gente de Aqui e de Agora", ou, se quiserem, nesta experiência, no que concerne a uma certa forma de tratar canções, orquestrações, etc. E até, talvez, a uma certa maneira, diferente e mais amadurecida, de cantar do Adriano.*

"Gente de Aqui e de Agora" constitui, realmente, uma daquelas obras intemporais, imprescindíveis para a compreensão de todo um movimento musical – como "Cantigas do Maio", de José Afonso –, através das quais tudo é claro, em termos evolutivos, como o próprio Adriano insistiu:

*A intenção é a mesma: poemas que tratam de temas que tenham a ver com a nova realidade social. Que a denunciem. E músicas evoluídas.*

Adriano Correia de Oliveira soube reconhecer, em tempo certo, com um sentido que só é próprio dos autênticos criadores de Cultura, o interesse/exigência do reforço musical, aproveitando as novas condições disponíveis:

*Não porque não se soubesse antes como se devia melhorar o arranjo musical, mas porque só agora é que surgiu a possibilidade de o fazer, porque não existiam meios materiais suficientes e utilizávamos só a viola, não havendo possibilidades reais de ir mais além.*

**4.** Após "Gente de Aqui e de Agora", Adriano – que sempre se recusara a submeter as suas composições e cantigas a todo e qualquer tipo de censura ou exame prévio – viu-se de todo impedido de gravar o que quer que fosse até Abril de 1974, chegando mesmo a iniciar em Madrid as gravações da obra que seria editada em 1975. Refira-se, de passagem, que Adriano passou, a partir de 1971, a ser um dos alvos preferidos da polícia política (juntamente com José Afonso e Manuel Freire), sendo todos os seus concertos sistematicamente proibidos, muitas vezes mesmo na hora do início.

Após 25 de Abril de 1974, o Adriano sempre generoso e sempre disponível para os actos de verdade e de luta pela dignidade humana sem limites, entregou-se por completo ao canto militante. Viveu-se, então, a fase inflamada do "canto livre" e do "canto de intervenção", durante o qual se continuaram a assumir as grandes lutas do passado, obviamente enquadradas pelas urgências de um presente em acelerada dinâmica social. Adriano Correia de Oliveira, tal como outros cantores dos mais representativos de toda esta tradição de canto, realizou um sem número de actuações por todo o país. A sua entrega foi total, mantendo todavia a recusa do fácil e do circunstancial, recusando o panfletário e o slogan populista.

"Que Nunca Mais", surgido em 1975, e tendo por base a poesia de Manuel da Fonseca, foi mais um dos vigorosos trabalhos de intervenção, no qual permanece igual a si próprio, assumindo a herança cultural com preocupações de autenticidade e de enraizamento.

E quando as "Notícias de Abril" são publicadas (1978), sob a forma de recados populares às mais altas instâncias do poder, Adriano fê-lo com a postura de todos quantos, como ele, ousaram permanecer sempre de cabeça erguida e pés firmes na terra. E perante o boicote mais desavergonhado à divulgação da sua obra, e dos restantes companheiros da "praça da canção", Adriano reapareceu em termos discográficos (1980) com um trabalho soberbo, "Cantigas Portuguesas", numa demonstração clara de que por trás do movimento da nova música popular portuguesa estava gente de antes quebrar que torcer e de que nada adiantava ao poder inventar novas formas para a velha censura às obras de José Afonso, Fausto, Sérgio Godinho, José Mário Branco, Vitorino, Manuel Freire e Luís Cília, entre outros. Isto numa altura em que o poder apadrinhava uma invenção chamada "rock português", propagandeada como a nova música portuguesa!!!...

**5.** Da discografia de Adriano, apenas se encontram actualmente disponíveis o duplo álbum "Memória" e a antologia "Obra Completa". Por razões de espaço apenas referimos os álbuns publicados (com as referências originais), nos quais se integraram a esmagadora maioria dos singles e EPs editados:

- 1964: *Adriano Correia de Oliveira* (LP-SB)
- 1967: *Adriano Correia de Oliveira* (LP-SB1018)
- 1969: *O Canto e as Armas* (LP-STAT 003)
- 1970: *Cantaremos* (LP-STAT 007)
- 1971: *Gente de Aqui e de Agora* (LP-STAT 010)
- 1973: *Fados de Coimbra* (LP-SB 1224)
- 1975: *Que Nunca Mais* (LP-STAT 033)

1980: *Cantigas Portuguesas* (LP-STAT 067)  
1983: *Memória de Adriano* (2LP-Orfeu DAFP 602)  
1994: *Obra Completa* (7CDs-Orfeu 35003)

**6.** Adriano Correia de Oliveira integrou sempre a frente inovadora e renovadora da música portuguesa, marcando com as suas obras as fases mais decisivas da sua imparável evolução. Ele definiu, ao lado de José Afonso, José Mário Branco, Fausto e Sérgio Godinho, entre outros, a tónica dominante das sucessivas mudanças qualitativas, com particular destaque para o enraizamento expressivo através do recurso, directo ou sugestivo, à música tradicional. Pioneiro entre os pioneiros, Adriano permaneceu sempre como alguém que soube anunciar o futuro, antecipando-o num presente carregado de urgências.

Nascido para as coisas da música através da "canção de Coimbra", Adriano contribuiu para a definição e emancipação, nos anos 60, do movimento da "balada", assumiu os contornos de expressiva denúncia no efémero "canto de protesto" de finais da década de 60 e impulsionou decisivamente a "nova canção portuguesa" no limiar dos anos 70. Em Abril de 1974, o trovador saiu para as ruas para viver intensamente o "canto livre" e a "canção de intervenção", tendo-se posteriormente colocado na primeira linha da "música popular portuguesa". Presente em todas as sucessivas fases de evolução da música popular portuguesa dos nossos dias, Adriano foi um dos que mais contribuiu para o seu enraizamento expressivo a partir dos elementos mais autênticos da nossa música tradicional.

De 9 de Abril de 1942 a 16 de Outubro de 1982 ficou mais do que uma vida – ficou uma obra que constitui a mais bela e eloquente biografia, a pensar em todos nós, que nem sempre o soubemos merecer.

***Mário Correia, Centro de Música Tradicional Sons da Terra (Sendim)***